

4503536

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Vesti98
bularFDV

Inscrições: de 17/11/97 a 05/12/97

R. Aleixo Neto, 807 - Praia do Canto
Telefax: 227 5955

Autógrafa

Caderno Dois

A GAZETA – Vitória (ES), domingo, 5 de outubro de 1997

Vesti98
bularFDV

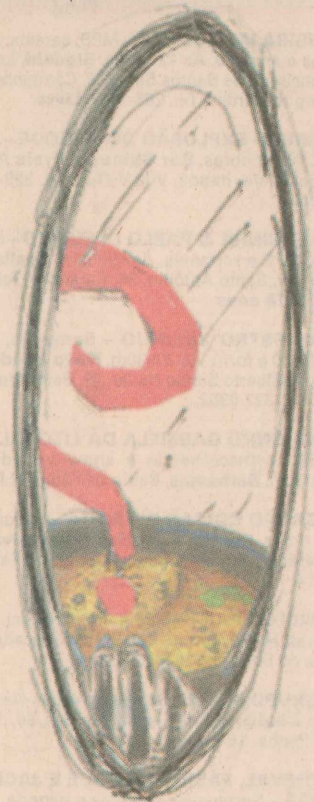


Uma nova fase no Ensino Jurídico
R. Aleixo Neto, 807 - Praia do Canto
Telefax: 227 5955

Inscrições: de 17/11/97 a 05/12/97

Existe identidade?

Intelectuais afirmam que capixaba não tem identidade e sofre de complexos de 'inferioridade', mas apontam saídas



JOSÉ CARLOS MATTEDI

de Mello (pai do ex-presidente Collor), e "colocando a maior banca". Resultado: a elite local o carregou nos braços. "Ele circulou pelo Clube Vitória, o mais importante do Estado na época, e namorou as meninas. Depois que o rapaz foi embora, descobriu-se que tudo não passou de uma farsa."

INFERIORIDADE – Essa história, que lembra a peça **O Inspetor Geral**, do russo Nicolai Gogol, ilustra bem a tese do dramaturgo e intelectual paulista Erlon José Paschoal, que mora em Vitória há dez anos: o capixaba sofre de complexo de inferioridade. "Isso, talvez, porque o Espírito Santo tenha sido colocado em segundo plano em função dos três estados limítrofes, Rio, Minas e Bahia", argumenta. Para ele, a população local tem dificuldades em lidar com "estrangeiros": "Quando cheguei aqui, percebi isso. As pessoas assimilam o que vem de fora e perdem o que tem de melhor". Contudo, uma boa notícia: "Essa inferioridade, hoje, está mais diluída."

Na opinião de Erlon, o oposto do complexo de inferioridade não é a presunção, mas a consciência daquilo que se tem de melhor. E complementa: "A identidade não é algo acabado, e sim um processo. Aparece com clareza à medida em que a cultura local vai se tornando autônoma. E isso está acontecendo no Espírito Santo de maneira acentuada, sobretudo nos últimos anos". Além

por cariocas, é até compreensível. Agora, o engraçado é que os próprios capixabas andam acreditando nisso, levando em frente a tal "negatividade". Por exemplo, muitos saem daqui para se divertir no Rio ou na Bahia. Tudo bem que a gente nem sempre consegue competir em termos de atrações. Mas temos praias tão boas como as dos vizinhos, entretanto, "as de lá são sempre melhores do que as daqui".

Apesar do complexo de inferioridade e da negatividade, existe alguma coisa que realmente marque a identidade local? "Honestamente, não saberia responder. Hoje esta-

no processo de globalização. "Aqui, o local e o global aparecem de uma maneira muito clara. Esse será o foco da discussão do congresso", revela. Ou seja, até o próximo outono, andaremos por aí "sem lenço e sem documento."

SALADA OU MOQUECA? – Mesmo se afirmando que o capixaba não tem uma característica própria, ou marcante, algumas referências, imagens ou valores culturais são citados com frequência (além dos já colocados por Renato Pacheco): Convento da Penha, moqueca, Chocolates Garoto, congo, colibris, a relação mar-montanha, localização geográfica, os portos, entre outros. Dentro dessa saladada, ou melhor, moqueca capixaba, o que está faltando para que surja a "essência" é tornar universal um ou mais desses valores. Esse é o pensamento do francês Alain Herscovici, há oito anos por aqui.

Autor de **Economia da Cultura e da Comunicação**, seu livro traz um capítulo especial sobre a questão "identidade". "As referências capixabas não conseguiram se projetar para fora. A cultura tem que se tornar universal para, depois, poder criar uma identidade", explica ele. Alain cita os exemplos da música da Bahia e da bossa nova carioca, que servem de referência para o ba-

dene); o hipertardiado processo de industrialização e urbanização; e, por último, o auge da interação comercial com o mundo e da circulação de fluxos de pessoas e mercadorias pelo território estadual.

Além desses fatores, Roberto Simões junta também as influências externas: o Sul estabeleceu vínculos de dependência com o Rio de Janeiro; o extremo Norte ficou subordinado a Minas Gerais e à Bahia; a vida na região serrana estava centrada na unidade doméstica familiar de colonização européia. Assim, acrescenta o pesquisador, o capixaba limitava-se à Ilha de Vitória. Com o tempo, a referência "capixaba" foi estendida para todo o ES, "enquanto designação formal para nomear os nascidos no território, destituída, no entanto, dos atributos que poderiam transformá-la em identidade estadual". E completa: "A não elaboração desses atributos expressava a baixa produção cultural no Estado, que durou quatro séculos."

Esta "influência externa", deduz o dramaturgo Erlon Paschoal, faz com que a população não tenha um sotaque homogêneo. "Já ouvi os mais diferentes e variados tipos de sotaques em todo o Espírito Santo, não existindo um característico, como tem a Bahia, Minas e Rio", revela, para argumentar: "Talvez seja essa a nossa grande qualidade". Qualidade ou não, o certo é que o linguajar existe, mas está regionalizado em cinco regiões, como esclarece Roberto Simões. Quem vai a Ecoporanga (que fica no antigo Contestado) encontra "mineirices"; Itáunas (ex-área de litígio com a Bahia) tem cara e "voz" baiana; no Sul



...vimos um momento de identificação", sublinha. Mas, o que vem a ser ter identidade? Segundo o professor Renato Ortiz, esta "é uma construção simbólica que se faz em relação a múltiplos referentes – uma cultura, a Nação, uma etnia, a cor ou o gênero". Deixando de lado o aspecto acadêmico, Pacheco destaca alguns pontos que caracterizam o capixaba: acredita na sorte; é descansado; gosta de colocar apelidos, e procura sempre agradar aos forasteiros.

Sobre esta última peculiaridade, ele lembra uma história acontecida em Vitória, em 1955. Conta que um sujeito chegou à Capital dizendo-se filho do então senador Arnon

...local vai se tornando autônoma. E isso está acontecendo no Espírito Santo de maneira acentuada, sobretudo nos últimos anos". Além do problema da inferioridade, um outro fator tem levado a população local a não construir uma identidade: a negatividade. "O capixaba é sempre definido como o 'não é'. Ele não é carioca, não é mineiro e nem baiano. E é sempre citado como um ponto negativo", resume a doutora em Antropologia e professora da Ufes Cíntia Ávila B. Carvalho.

Os rapazes do **Casseta e Planeta** já disseram que "a única função do Espírito Santo é aumentar a distância entre o Rio e a Bahia". Dito



...os exemplos de música da Bahia e da bossa nova carioca, que servem de referência para os habitantes daqueles Estados. "Aqui não existe fator equivalente, pois falta universalizar a cultura local."

Ele cita um exemplo recente e negativo: o filme **O Amor Está no Ar**, do capixaba Amylton de Almeida. "Esta produção não consegue ter universalidade nenhuma, pois quem não conhece o Estado não vai se interessar pelo filme, que é bairrista, provinciano", alfineta, para completar em seguida: "Temos uma cultura heterogênea, sem uma referência específica. É uma identidade em construção, pelo fato de ela não existir."

HISTÓRIA – Essa falta de identidade, na opinião do pesquisador da Ufes Roberto Garcia Simões, tem fatores históricos. Pode-se extrair, diz ele, cinco passagens da trajetória histórica do ES que influenciam os debates sobre a "identidade capixaba": o longo isolamento, de mais de 300 anos, do Estado; o processo de miscigenação racial; a sua posição no contexto nacional – Sudeste ou Nordeste? (a emenda Rita Camata tenta incluir o Norte do Estado na Su-

...ga (que fica no antigo Contestado) encontra "mineirices"; Itaúnas (ex-área de litígio com a Bahia) tem cara e "voz" baiana; no Sul são comuns expressões fluminenses; na região serrana fala-se também o italiano e o alemão; a Grande Vitória é uma mescla disso tudo, e ainda passa por um inchaço migratório "de línguas".

Diante do quadro apresentado, o que nos resta: correr atrás ou esperar? Roberto dá a largada, e revela que há uma crescente possibilidade de maior participação do ES nos cenários nacional e internacional. "É preciso, então, identificar as nossas referências específicas e divulgá-las, para que possam contribuir nas áreas de turismo, promoção cultural, etc. São justamente as diferenças que servem de motivo principal para fortalecer e projetar o Estado". E cita o exemplo do agroturismo na região serrana, sua importância cultural no desenvolvimento localizado. "É o resgate de conhecimentos familiares históricos, que se traduzem na fabricação caseira e no turismo, trazendo qualidade de vida à região". Logo, acrescenta, é prioritário promover calendários de festas – como no Sul do País –, "numa interação entre a dimensão econômica com a dimensão cultural."

mos meio perdidos. E isso tem medo com os intelectuais, que estão pensando o assunto", afirma Cíntia. Esse "pensar" vai levar o Espírito Santo a sediar, em abril de 1998, o encontro da Associação Brasileira de Antropologia. Um dos temas: "Há uma Identidade Capixaba?"

"A partir daí teremos uma pista de qual seria a nossa identidade", observa a antropóloga. Para ela, o ES é um caso exemplar para discutir a questão de identidade: possui uma população diversificada e está inserido, "de uma maneira forte",

CAPIXABISMO ÀS AVESSAS



CONSTRUÇÃO Claudney Pessoa
Roberto Simões: a identidade capixaba está para ser criada

Frases ou idéias ligadas à identidade capixaba, famosas ou não, que foram divulgadas pela imprensa:

■ "O bairrismo capixaba se assemelha à saudade de um Espírito Santo imaginário. No fundo, nós temos inveja de Minas Gerais e ciúmes dos cariocas. Só nos sentimos irmãos dos fluminenses, nossos vizinhos, que são pobres, pequeninos e anônimos como nós mesmos". (José Carlos de Oliveira – cronista)

■ "O capixaba tem dificuldade em traçar seu perfil psicossocial pelo fato, talvez, de tanto ter olhado para os outros que o rodeiam, muito mais numerosos, famosos, poderosos e bem-sucedidos, que acabou deixando de olhar para si mesmo, de se valorizar e de se destacar, apesar de pouco numeroso" (Miguel Kill – professor universitário)

■ "O capixaba não pode ficar apenas como um satélite, como um desterrado que sonha morar no Rio de Janeiro, sonha ir para Bahia, que são centros culturais importantes" (Joaquim Beato – professor e político)

■ "É possível que gente de outras terras ache graça ou exagero no culto que nós cachoeirenses temos pela nossa terra. Ela não será melhor que as outras. Não é para ser, nem para fingir que é. Mas esse carinho egoísta de um homem pela sua cidade cada um de nós sente alguma coisa de superior e bom" (Rubem Braga – cronista)

■ "A grande meta do homem capixaba é tentar a vida no Rio de Janeiro". (J.C.O.)

■ "O Espírito Santo é acusado de não ter identidade, mas reúne todas as etnias do mundo aqui. Será que é por causa disso?" (Amylton de Almeida – cineasta e crítico)

■ "Quando se diz 'capixaba', isso abre um vazio porque esta expressão designa quem mora no Estado, não vem acompanhada de atributos que qualificam aquela personagem, a exemplo do gaúcho, mineiro, baiano, etc, que correspondem a imagem que a palavra representa. Precisamos construir, conjuntamente, a identidade do Espírito Santo e do capixaba" (Roberto Garcia Simões – pesquisador da Ufes)



ANTENA 1 in Concert

APRESENTA

*A música vibrante da
Orquestra de Câmara de Genève*



Com regência do
**Maestro
Tierry Fischer**

**SEGUNDA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO, 21 HORAS
TEATRO CARLOS GOMES**

**PARTICIPAÇÃO LOCAL: JÚLIO TIGRE (PINTOR)
MANOLO CABRAL (PIANISTA)**

INGRESSOS: BILHETERIA DO TEATRO - CENTRO MUSICAL VILLA LOBOS

**ENTREGA DE INGRESSOS EM DOMICÍLIO
TEL.: 227-7077 E 981-9792**

PROMOÇÃO:

REALIZAÇÃO:

PATROCÍNIO:

ANTENA 1
VITÓRIA FM 90.1



ASSOCIAÇÃO CULTURAL RICARDINA STAMATOU

ANDRADE GUTIERREZ
TIMS
TERMINAL INDUSTRIAL
E MULTIMODAL DA SERRA

BANESTES

CLASSIFICAÇÃO: 12 ANOS